

MADAME
XANADU

AURELIANO

DIRETOR-PRESIDENTE:
Jorge Yunes

GERENTE EDITORIAL:
Luiza Del Monaco

COORDENAÇÃO EDITORIAL:
Ricardo Lelis

EDIÇÃO:
Júlia Braga Tourinho

PREPARAÇÃO DE TEXTO:
Karine Ribeiro

REVISÃO:
Augusto Iriarte

COORDENADORA DE ARTE:
Juliana Ida

DESIGNER:
Valquíria Palma

ASSISTÊNCIA DE ARTE:
Daniel Mascellani

DIAGRAMAÇÃO:
Vitor Castrillo

ILUSTRAÇÕES:
Aureliano Medeiros

© 2021, Companhia Editora Nacional
© 2021, Aureliano Medeiros

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação sem o prévio e expreso consentimento da editora.

1ª edição – São Paulo

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD**

M488m Medeiros, Aureliano

Madame Xanadu / Aureliano Medeiros. - São Paulo, SP :
Editora Nacional, 2021.

208 p. ; ePUB.

ISBN: 978-65-5881-024-7 (Ebook)

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

2021-767

CDD 869.89923

CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

NACIONAL



Rua Gomes de Carvalho, 1306 – 11º andar – Vila Olímpia
São Paulo – SP – 04547-005 – Brasil – Tel.: (11) 2799-7799
editoranacional.com.br – atendimento@grupoibep.com.br

SUMÁRIO

Prefácio

Prólogo

Madame

Rose^[rec]

Madame

Sharon^[rec]

Madame

Rose^[rec]

Madame

Sharon^[rec]

João

Rose^[rec]

Madame

Sharon^[rec]

Madame

João

Rose^[rec]

Sharon^[rec]

João

Madame

João

Rose & Sharon
Jeferson

PREFÁCIO

A gente já se encontrou várias vezes nessa vida, e é assim que eu me sinto toda vez que penso em emprestar esse livro para alguém: você precisa conhecer Madame, ela vai te quebrar e te colar inteiro depois, e nada fica no mesmo lugar.

Ler *Madame Xanadu* é tipo tirar a carta da morte no tarô. Morte é mudança, mudança é coisa boa. Você só precisa estar atento para enxergar as coisas que acontecem nas entrelinhas, entre uma palavra e outra das que Aureliano escolheu para contar a história dela dessa vez. Madame vai matando e mudando e costurando a gente que lê e toda vida é de um jeito novo. Eu falo isso porque talvez esse seja o livro que eu mais li na vida. Umas cinco ou seis vezes. Chorei em todas elas no mesmo lugar porque me enxerguei mais do que precisava.

Madame e todas as outras pessoas que nela existem são como espelhos. Aureliano inventou essas pessoas meio confusas, meio tristes, meio boas demais, meio tronchas, meio etéreas e que só existem de um jeito bonito nesse universo para serem tão de verdade quanto eu ou você, que segura este livro nas mãos.

Madame é uma velha amiga. Estar com ela é como andar numa rua antiga na Ribeira naquela hora da tarde onde, não importa quantas luzes estejam acesas, nada se ilumina direito, porque o sol ainda está se pondo, e o sol se pondo é a única coisa que deveria ser vista (mas pelo amor de deus, sem ninguém bater palma).

Faça um bom passeio com ela, atravesse esse espelho. Deixe essa história passar por você. A dor vai valer a pena.

LUIZA DE SOUZA (ILUSTRALU)
Ilustradora e autora de Arlindo



PRÓLOGO

EU SONHO SONHOS COM MADAME XANADU. PASSEAMOS por entre casas decadentes com xícaras penduradas na parede. Lugares de muito vento, tintilaria e pouco espaço pra interpretação. Distante de nós, algo dispara. Ela me pega a mão e me conduz por estradas estreitas num nunca foi quase que sempre sendo e estava mesmo o tempo todo aqui. Parece que passamos anos e anos nesse lugar, mas a conheço desde pouco tempo, algo entre uma semana e um século. O zunido se aproxima. Madame caminha pelas paredes e seu cabelo flutua como se estivéssemos no fundo do mar, e talvez estejamos; é muito turva a matéria dos sonhos. Me olha nos olhos e sorri de perto demais, se encaminhando para um sussurro, enquanto tudo em nossa volta desmorona junto ao som, agora altíssimo. Seus lábios se movimentam como num filme antigo, tudo treme, e sua fala me vem dessincronizada.

— O que você faria se pudesse me encontrar de novo pela primeira vez, poeta?

Telefone. Tateio por cima da mesa de cabeceira. *Por que inferno eu coloquei meu celular pra despertar uma hora dessas?* Nada na mesinha. *Procure um pouco mais. Que ressaca é essa?* Identifico um clarão debaixo da cama e vou investigar. Depois da segunda meia - e de perceber que aquele não era exatamente meu alarme -, consigo pescar o celular, ao mesmo tempo que todos meus alertas já sobem, uma vez que nenhum atendente de telemarketing liga às seis horas da manhã.

O nome no visor não se deixa confundir. Desperta memórias.
Um sonho?

— Alô?

Não há resposta. Tento remontar com imagens o pouco que consigo ouvir. Unhas no copo de vidro. Longa baforada. Respiração espaçada. Até o seu silêncio preenche espaços demais. Percebo que eu respiro menos, talvez pra sobrar ar pra ela. Uma dessas pessoas que consegue o grande truque de fazer com que a gente tenha medo dela e ao mesmo tempo queira colocá-la numa redoma. Me ganha, assim, nas contradições: frágil como flor, imponente como um czar.

Antes de jogar esse tanto de informação na mão de vocês, quero deixar claro que esta não é a história da minha vida. Ou talvez até seja. Talvez eu esteja no plano de fundo desse grande quebra-cabeças e apenas não queira acreditar que sou só isso. Abro as cortinas e deixo que o sol me reorganize as ideias, enquanto tento decifrar algo mais dessa paisagem sonora.

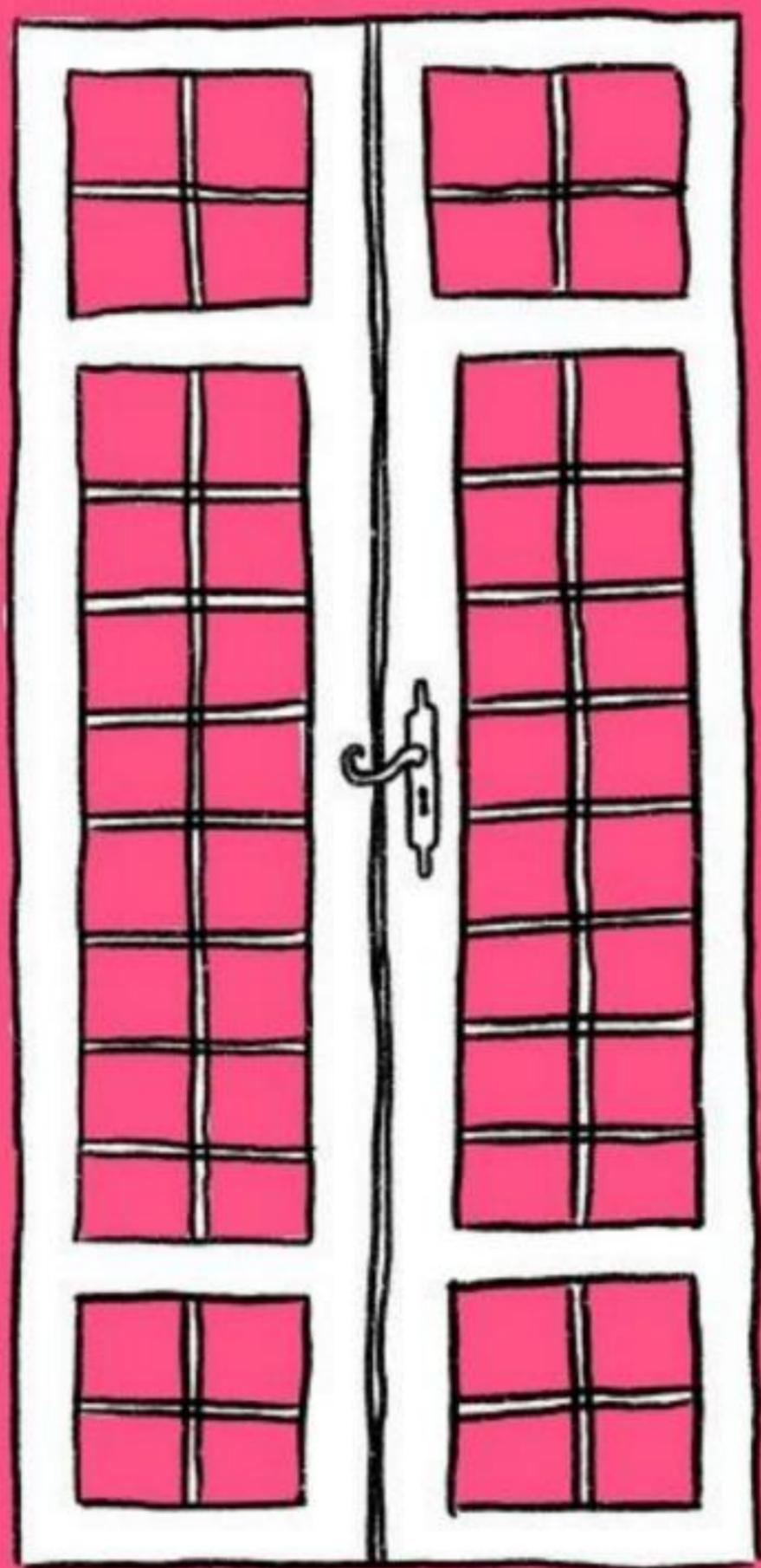
Seis da manhã. Estou dentro do seu silêncio e sei exatamente como vim parar aqui. É que ela não sabe andar sem arrastar melancolia para onde quer que vá. E eu sou viciado em drama. Percebo um ensaio de pensamento, respiração, começo de frase?

— Me ajude.

Não tem forças pra falar mais que isso. Ouço o baque seco do outro lado da linha. Me visto ligeiro, caço as chaves, bato porta, sua voz ressoando cada vez mais alto dentro da minha cabeça e eu sem saber direito o que a gente faz quando alguém que a gente quer por perto não quer mais estar por perto de ninguém.

No fim das contas, não é mesmo uma história sobre mim. É apenas uma daquelas histórias dentro de outra história, que nos faz tentar resgatar o que foi que realmente começamos a ler. Talvez por ser maior que outras histórias. Talvez por ser tão triste que acaba tomando conta de tudo que vê pela frente. Também não é a história de Jeferson, Rose ou Sharon. É apenas uma história aterradora sobre muitos fins e poucos começos.

E talvez, ao final, alguém venha abrir a boca para dizer que é uma história bonita. Afinal, uma história triste é sempre bonita quando acontece com as outras pessoas.



MADAME

— COMO COMEÇA?

— Começa com um cigarro. — Pausa. Isqueiro. Baforada. — Começa comigo sentada na calçada do Café Salão às quatro e quarenta e oito da manhã, fumando um cigarro.

— Aqui?

— É, bem aqui.

— E quando é isso?

— Daqui a uns dias. Você vai saber. Vai receber uma ligação.

— Começa do fim, então.

— É. Começa do fim.

Madame Xanadu sentou no degrau de entrada do Café Salão. Quatro e quarenta e oito da manhã. Gostava daquilo, daquela hora, daquele friozinho e da forma como o sol começava a dar sinais de nascer. Com seus longilíneos dedos, puxou cigarro e isqueiro do bolso da jaqueta. Acendeu como se refletisse sobre cada pequeno movimento que fazia parte daquela ação. Fitava o nada, enquanto sua boca tingida se consumia em vagarosa tragada. Deixou a fumaça se acumular e lhe fazer companhia.

É isso. O começo do fim.

Observou tudo à sua volta. Queria gravar o lugar, fotografar o momento. Por ali acumulavam-se prédios comerciais deteriorados espaçados por brilhantes sonhos adolescentes de um futuro boêmio e postes que ensaiavam um ar parisiense e ainda assim tão decadente (mas Madame achava *chic*). Ribeira. O bairro em que aquela cidade começou, por entre navios,

marinheiros e encontros de rio e mar, parecia muito também com o lugar onde tudo deveria terminar.

Sob a confusa luz do não dia não noite, uma senhora deitada improvisava abrigo em folhas de papelão pequenas demais. A lua cheia se despedia. Madame deixou escapar uma única lágrima porque achou tudo bonito demais. Guardou a ideia daquele momento. Não entendia se o mundo era muito pesado para ela ou se era sua existência que se acumulava às costas do mundo. Só entendia que acabou. Precisava acabar.

Fastou um pouco em seu degrau ao perceber que Nalva apagava a última lâmpada e já chocalhava seu chaveiro para fechar o café. Depois da terceira volta de chave, se apropriou do isqueiro de Madame com rapidez e acendeu seu cigarro, que já pendia na boca. Encostou-se no carro à frente do salão e escaneou a rua. Os olhos de rapina pararam em Madame.

— Quer? Eu lhe deixo em casa.

— Não, eu tô de boa.

Ironia e tristeza se misturaram naqueles olhos, aqueles olhos para os quais era impossível mentir. *Não, minha filha, você não está nada “de boa”*, os olhos diziam. Madame baixou a cabeça e fitou a calçada por tempo demais. Nalva era o que ela tinha de mais parecido com uma irmã, ou mãe. Nalva entendia. Não era preciso falar. Apagou o cigarro no solado da sandália e aproximou-se de Madame, afagando-lhe os cabelos.

— Olhe que se você não vier amanhã eu desconto seu salário.

— Era seu jeito de dizer que se importava. — Você vem, não vem?

— Venho.

Mas os olhos sabiam. Deixou que o isqueiro deslizesse de sua mão cheia de pulseiras para o colo de Madame. Seus olhares se cruzaram. Estava ali. Dentro das olheiras e debaixo das sobrancelhas, perpassando por tudo que já havia visto na vida, os olhos diziam adeus. Deu as costas rapidamente e saboreou a brisa da madrugada.

— Aproveite a lua, Madame. E não esqueça de amanhã pegar anis-estrelado lá em Miguel.

Sorriram, as duas. Madame tornou a baixar a cabeça e acompanhou as sandálias de Nalva se dirigindo ao carro, sumindo primeiro uma, depois a outra. E os pneus indo embora numa nuvem de fumaça, cortando de uma vez por todas o silêncio daquela hora. *Até mais ver, Nalva, pensou. Até mais ver...* Aos poucos a claridade diurna iluminou a ainda fria avenida, e uma chuva fininha, sem graça, começou a cair. Mais um agosto, mais um cigarro.

Como uma rosa que desabrochasse no orvalho, Madame Xanadu observou a rua ganhar vida, com carros, ônibus, pessoas. Seu momento perfeito parado no tempo não existia mais, e isso a incomodou um pouco. Pensou que nada parava nunca de acontecer. As ruas estão provavelmente aí pra isso, pra gente poder perceber a vida acontecendo e brotando e gritando pelos cantos, sem esperar ninguém.

Lembrou da promessa que fez de ficar mais tempo, de durar. Mas se sentiu desgostosa de olhar para a rua e reparar na constância e normalidade das coisas, e perceber que nada nem ao menos abria espaço para sua dor passar. Talvez não estivesse mais nem ali. Talvez estivesse desaparecendo, sumindo aos pouquinhos, e talvez, se ela ficasse bem paradinha, ninguém ia nem notar que havia antes alguém sentada nos degraus. Naquele momento muito específico, Madame não sabia mais se estava só pensando ou já falando sozinha.

Ela também não sabia se era culpa de Daniel, ou se era ela que andava meio desorientada das ideias. Só sabia que aquele último mês tinha tido dias demais. Trezentos e sessenta e tantos dias de um agosto sem fim em que tudo que ela mais queria era não ser mais. Pode alguém desaprender a existir? Enxugou um choro baixinho na jaqueta.

Secou os olhos de manchas escuras e suspirou longamente. Levantou de rompante e, como se nunca houvesse derramado

uma lágrima na vida, iniciou um caminhar digno de uma supermodelo dos anos 90 pelas ruas históricas do lugar decrepito e mágico que a abraçou por tanto tempo e ensinou-lhe a ser quem era. Sorriu com gratidão. Buscou na memória a farmácia vinte e quatro horas mais próxima.

É isso, *ladies and gentlemen!* O começo do fim de Madame Xanadu.

Sobem as cortinas.

Uma prece pela alma saudosa de



Pedro Henrique Medeiros

☆ ~~09/10/2019~~

† ~~09/10/2019~~

"Vou para o Pai, mas não esquecerei
aqueles que amei na Terra..."

(Sto Agostinho)

*image
not
available*

deixou claro que eu não precisaria ir pra lhe provar algo, ou qualquer coisa do tipo. O que Bianca talvez não entendesse é que eu precisava e queria sim ir. Se pudesse acompanhar cada minuto do velório, eu também o faria, apenas para ter certeza que Pedro não iria levantar e sair à francesa para fazer qualquer outro estrago na vida de ninguém. Eu apertaria impiedosamente os parafusos do caixão e jogaria cada pá de terra, só por garantia. Mas nada disso eu dizia, ou tinha a intenção de dizer. Naquele momento, Bianca só precisava saber que sua irmã ia estar ao seu lado, na manhã seguinte.

E assim fiz.

Retoquei a maquiagem, de forma a parecer mais abatida, enquanto o táxi me conduzia pela cidade chegando enfim à rua da Saudade, aquela que termina no cemitério. Para a ocasião do dia, tinha enrolado os cabelos num coque alto e vestido uma blusinha violeta, porque sempre achei que violeta ornasse bem com cemitério. Fiz praticamente uma acrobacia quando fui descer do carro, porque minhas botas novinhas não iam se sujar naquele lamaçal que tinha logo no portão. Avistei o aglomerado e segui, devagar e de cabeça baixa, oclão na cara, *não pareça empolgada*.

A verdade é que todo mundo sabia que o pilantra ia morrer. Tava internado já tinha tempo, parece que pegou uma gripe e, como tava com a imunodeficiência fodida, acabou evoluindo pra um negócio bem pancada e foi agregando outro monte de mazela até ele ficar amarelo e chupado numa cama de hospital, esperando a hora de ir embora e deixar as contas.

Você deve tá achando que eu sou o cão, né? Mas é porque você não conheceu a criatura. Antes de acabar com a própria vida, Pedro conseguiu estragar a de cada um de nós, com requintes de crueldade. Quando a gente estudava todo mundo junto, Pedro era tão lindo como um menino podia ser e tão terrível quanto, também. Não havia nele nenhum sinal de preocupação ou respeito para com o próximo, por mais próximo que esse

*image
not
available*



*image
not
available*

conhecia muito bem, nutria um sincero medo do amigo de sua amiga Rose.

Já no ônibus, riam muito, embalados pelo vinho adocicado baratíssimo comprado no supermercado. O balanço da condução acabou por entregar na Ribeira um grupo de jovens que exalava álcool e açúcar pelos poros. Muito cedo na festa, Jeferson já não avistava mais Daniel lá dentro. Saiu esbarrando na multidão suada e encontrou o projeto de vampiro na calçada, ao lado de uma boca de lobo. Havia passado mal com o calor e o finíssimo vinho, muito embora ninguém o tivesse forçado a colocar aquele sobretudo. Jeferson se aproximou, mais com a intenção de conter algum dano do que qualquer coisa. Daniel lhe sorriu desorientado e falou:

— Tá uma sauna ali dentro.

— É. Mas tá tocando Smiths. Tu que gosta, né?

— É sim, como que você sabe?

Jeferson, que estava fantasiado em trajes oitentistas de ginástica, sacudiu um pouco da poeira da calçada e sentou do outro lado do bueiro. Observava Daniel cambaleiar.

— A letra daquela música no caderno de Rose.

— Sim, sim! Fui eu. *There's a place if you like to go, you could meet somebody who really loves you.*

— Isso. Eu sempre achei que essa música fosse do t.A.T.u.

— O quê?

O susto foi tão grande que Daniel começou a vomitar ali mesmo, encostado na boca de lobo. Jeferson prontamente segurou o jovem que conhecia havia pouquíssimo tempo e encontrou-se próximo demais daquele bueiro. Próximo o suficiente pra sentir todos os odores misturados que circulavam por debaixo dos esgotos da Ribeira.

O cheiro ainda é o mesmo.

Sabe-se lá de onde, Madame sacou uma uisqueira. Enquanto apertava os olhos, tomou um longo gole do que quer que estivesse ali dentro. A nós, ergueu performaticamente a garrafa

*image
not
available*

enquanto ele passeava os dedos entre as cordas. Para um garoto da idade dele, ele era tão atraente quanto poderia ser, com suas olheiras e cabelo castanho mal lavado, amarrado na altura da nuca. Eu estudava com Pedro desde a sétima série, e desde a sétima série eu já sonhava em casar, ter filhos e morar numa casinha branca com ele. Sonho esse que era massacrado diariamente pela imagem de uma moça morena de cabelos cacheados sendo afagada pelos braços de meu projeto de príncipe. A competição era bastante desigual, porque Bianca era tipão já, chamava atenção da escola inteira e tinha um brilho diferente no olhar, enquanto eu era só... André. Andrezinho, magrinho, baixinho, lourinho e, para completar, menininho.

É fácil demais subestimar a adolescência quando não se é mais adolescente. Muita gente tende a esquecer o quão cruel é essa fase, onde você precisa se conhecer, se entender, se afirmar e decidir que decisões tomar. Não é nada fácil ser adolescente, ou seguro. Hoje eu me pareço um pouco mais com o que eu gostaria de ser, mas naquela época havia muitas barreiras e algumas delas estavam completamente fora do meu controle.

Pedro estava namorando com Bianca havia uns quatro meses e, naquela sexta-feira, eles tiveram uma briga feia por algum motivo imbecil que sempre toma grandes proporções quando se é adolescente. Por isso, Bianca mandou avisar por Jeferson que não iria para o sarau que Pedro passou a semana inteira enchendo o saco da gente pra ir. Quando os meninos disseram que seria num castelo, eu, que sempre fui muito princesa, me animei logo. Daniel aproveitou que o pai estava viajando e pegou o carro “emprestado” para nos dirigir perigosamente até o local. Por incrível que pareça, não houve feridos, e às onze Daniel estacionou o Gol verde na rua de barro em frente ao tal castelo, que pouco me lembrava os contos de fada da infância.

Olhe, eu não entendo Natal. Não sei se é porque eu não sou daqui, mas pra mim sempre foi um esforço enorme compreender o que faz as pessoas começarem a ir muito em lugares que estão

*image
not
available*



*image
not
available*

*image
not
available*

apartamento. A máquina de costura ficava ao canto da ampla sala de ensaios, para facilitar as provas de roupa. A localização estratégica acabava me dando uma vista prestigiada dos quase vinte pesadelos de Wolf Maya andando pela sala envoltos em seus universos particulares. Inclusive Bianca, de malha, blusão e o famigerado brinco de pena.

O grupo se preparava para encenar *A Gata Borralheira*, com direito a fadas madrinhas, ratinhos e abóboras. O príncipe de Bianca era um rapaz com um aspecto sujo e cabelos castanho-claros desgrenhados. Ele sempre parecia cansado de tudo e de todos e se esforçava ao mínimo nos exercícios. Não deixava de lado nenhuma oportunidade de parecer melhor do que as outras pessoas, fosse por sua expressão blasé, fosse por seu ar de inteligência – que eu já suspeitava ser apenas ar mesmo. O garoto não fazia nada que valesse nos ensaios e ainda assim todos os menininhos e menininhas carentes tratavam-no como o grande prodígio do grupo.

A insegurança dominava Bianca, e os ensaios da escola nunca lhe eram suficientes. O tempo que ela tinha livre em casa usava para passar o texto, deitada na cama, de frente pro espelho, subindo e descendo as escadas. Não contei menos de vinte vezes que tive que passar com ela as cenas em que contracenava com o príncipe. “Por que você não liga praquele babaca, pra ele ensaiar com você? Não seria melhor?”, “Porque não”.

E foi aí que estranhei. Porque ela tinha ficado em silêncio. E eu bem entendia que as frases não sabiam se terminar ou começar em Bianca. Então tinha algo aí. Ela não é desse tipo de pessoa que entende bem o conceito de ponto final ou mesmo de deixar os outros falarem. Mas aquele “porque não” veio seguido de um silêncio fino, acompanhado de um vermelho que logo tomou seu rosto todo.

Não, cara. Não, né? É sério, isso?

E de repente eu comecei a sentir que engolia uma caçamba de gelo inteira. Todo aquele frio dentro de mim junto com um

*image
not
available*



*image
not
available*

CEFET 

	Nome:			ANDRÉIA DE PAIVA GOMES		
	Instituição de Ensino:		Nível:		MÉDIO	
	Curso:	Período:	Turma:	Séq.		
	SECUNDARISTA	3º	TARDE	1ª		
Controla:	Data Nascimento:	RG:	Matrícula:			
RU 101267	11/8/1990		200513011402			



UFERN

	Nome:			ANDRÉIA ROSE AVELINO		
	Instituição de Ensino:		Nível:		SUPERIOR	
	Curso:	Período:	Turma:	Séq.		
	END. TÊXTIL	2º	M/T	1ª		
Controla:	Data Nascimento:	RG:	Matrícula:			
RU 230999	2/11/1988		2.007020158			



*image
not
available*

Levanta daí, Sharon, levanta daí... Eu já me chamava de Sharon nessa época? Já, já sim. Foi depois de... Foi depois. Naquela noite Pedro nem olhou pra mim. Era desse jeito, eu já sabia. Na frente de todo mundo era como se eu não existisse. Como se ele nem me conhecesse. Era um pacto silencioso. A gente às vezes se sujeita a umas coisas absurdas só por uma migalha de atenção. Talvez isso também tenha influenciado no meu estado deplorável.

Levanta, Sharon. Mas não tinha por que levantar. Já eram quase três da manhã e tudo que podia acontecer numa festa na praia já havia acontecido. A maioria das pessoas já devia estar desacordada em lugares desconfortáveis ou se agarrando em lugares mais desconfortáveis ainda. Tomei impulso, puxando a cortina plástica, e como um milagre consegui ficar de pé.

Encarei o espelho e a imagem do fundo da privada me pareceu levemente mais convidativa. *Você tem que encontrar um lugar pra dormir, Sharon, só isso. Amanhã você acorda bem melhor.* Só saí do banheiro quando tive certeza que nada mais sairia de dentro de mim.

Um pé, depois o outro. Devagar, tomando cuidado para tropeçar no mínimo de copos possível. Como que podia ter tanto copo numa casa tão pequena? Acho que já era bem a quarta vez que aquela coletânea de Marina Lima tocava do começo e misturava-se à minha tontura, fazendo com que eu não conseguisse discernir todas as imagens muito bem, mas eu certamente posso falar do que me lembro.

De longe eu via Débora e Gilberto tentando salvar maconha molhada numa frigideira. Ricelly preparava mais uma garrafada de seu drink mortífero (soda limonada, vodka da pior qualidade e pastilha extraforte). Diana, a dona da casa, deitava completamente desacordada no sofá coberto de fuxicos coloridos enquanto Aline e Vanessa jogavam, sentadas no chão, um jogo que usava cartas demais do baralho. Daniel, deitado na rede, balançava, fazendo questão de deixar a marca do seu pé na parede.

*image
not
available*



*image
not
available*

naquele momento. Os olhos verdes semicerrados fitavam os olhos fechados do falecido, enquanto as negras mãos acariciavam aquele rosto por uma última e primeira vez. Ajeitou os finos cabelos do amado e deixou que os olhos verdes se derramassem ali. Tirou o chapéu e o levou ao chão, com delicadeza. Chegou pertíssimo do rosto daquele que nunca conheceu, mas sempre amou. Beijou-lhe suave os lábios frios e se ergueu com algum esforço, como se não quisesse sair daquele momento jamais. Enxugou as lágrimas.

O engraçado sobre as pessoas é que você nunca vai realmente conseguir prever o que elas vão fazer. Você pode supor, mas nunca prever. Então, enquanto a moça erguia-se do caixão em seu momento *noir*, Sharon e Bianca se colocaram ao seu lado e lhe afagaram, em conforto, e Rose também se aproximou, a fim de recolher o chapéu e ajeitar-lhe a longa peruca vermelha. Não havia nada de esperado ali, nada que se pudesse calcular. É o momento bonito e mágico que acontece quando nos permitimos entender que a dor do outro é maior que qualquer coisa ruim que se possa dizer. E não é mesmo estranho como a morte tem o poder de unir as pessoas?

Eu, que não havia ainda expressado minhas condolências, me dirigi à figura:

— Meus pêsames, Jeferson.

Não. Já não era mais Jeferson ali. E nem Bianca, nem Rose, nem Sharon precisariam me corrigir, porque os lábios tingidos daqueles olhos verdes falaram por si só:

— Não. Madame Xanadu.

E essa foi a *primeira* primeira vez que eu a conheci. Até que a morte nos separasse.

*image
not
available*

observava o passar dos carros, enquanto uma trilha de fumaça se formava na mão que segurava o cigarro. De início achei que fosse Sharon, o que levou meu corpo inteiro a ter uma raiva absurda daquilo que seria a pegadinha mais ridícula que ela já havia me pregado, mas aos poucos percebi que não era ela. Me aproximei com calma e sentei-me ao seu lado.

Os fios loiros e desgrenhados vinham de uma peruca mal colocada que contornava o rosto de meu amigo Jeferson. A pele estava acinzentada, a barba por fazer e as olheiras muito fundas. Os olhos verdes e mortos fitavam uma pichação qualquer do outro lado da rua. A maquiagem era toda precária e a cereja do bolo era um batom vermelho-decadência. O vestidinho rosa e os sapatos altos amarelo-ovo herdados de Sharon, tal como a peruca esgaçada. Que merda é essa? A minha risada quis tomar a rua inteira, mas ficou presa dentro de mim. Eu não podia, naquele momento, ser o poço de julgamento de sempre. Havia muito mais que muita tristeza por trás daquela figura.

— Jeferson... Vamos entrar?

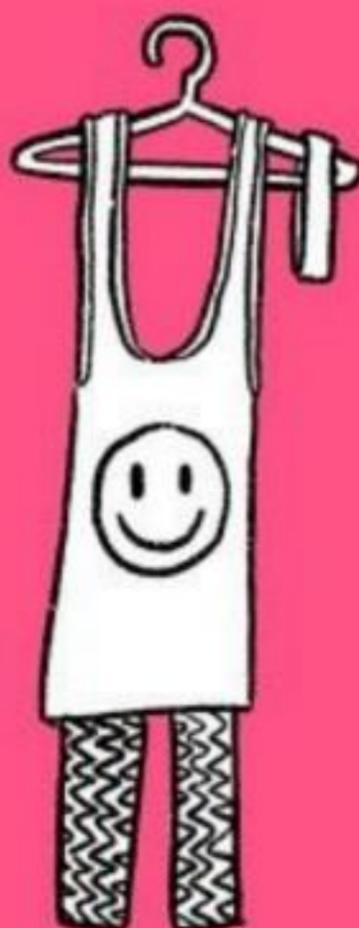
— Por que não tem paqueta preta? Sabe, eu sempre quis ser paqueta, quando criança. Eu achava lindo o jeito que elas dançavam e sorriam e sabe... Aquilo era o sonho delas, cara... Era aquilo ali. Uma vez que você chegasse ali, não dava pra ser mais feliz que aquilo. Mas não tinha mesmo paqueta preta. Quando eu percebi que eu não ia virar paqueta, chorei baixinho no meu quarto.

— Foda. Vamos subir, Jeferson? — Levantei e estendi a mão para que me seguisse.

— Vocês duas não entendem mesmo, né? Essa pessoa não existe mais. — Fez uma pausa dramática enquanto apagava o cigarro no chão. Levantou-se com minha ajuda e completou: — Meu nome é Madame Xanadu.

Minha cabeça se perdia em voltas e mais voltas e eu realmente não sabia o que pensar. Lembrei de Sharon na ligação me corrigindo quanto ao pronome e indiquei a porta à minha

*image
not
available*



*image
not
available*

— E tu não soube responder. Depois o burro sou eu — disse Jeferson em tom de vitória.

— Tu ficou revoltado, falou bem meia hora sobre a importância do autoconhecimento.

— Como é que alguém não sabe o próprio signo, boy?

— Sei lá, Jeferson. Eu sempre achei meio bobagem. Pra mim era algo que só tinha importância em revista feminina e nos Cavaleiros do Zodíaco. Aí depois que eu disse meu aniversário, você falou que eu era de virgem e saiu do banheiro.

— Foi.

— Foi.

— Então era você! — Jeferson abriu um sorriso.

— Eu ainda tô besta que você não sabia. — Daniel seguia incrédulo.

— Então por isso que você foi tão legal comigo no aniversário de Bianca?

— Sim. Você tinha me livrado de uma, né? Pensou o quê?

— Ora, Daniel, que você tava dando em cima de mim.

— EU? Mas você que tava me cantando!

— Pra todos os efeitos, estava tocando The Smiths naquela festa, sim. E eu fico feliz que você tenha puxado assunto comigo, por qualquer que fosse o motivo — derreteu-se Jeferson.

— Eu também... Eu também. E bom, já que eu nunca tive a oportunidade, obrigado por ter me livrado daquela suspensão.

— Embora talvez aquela suspensão tivesse feito você parar de fumar.

— Até parece — Daniel respondeu, sincero.

— Até parece, mesmo. Te amo, seu palhaço.

— Também te amo, apesar do tererê.

— ERA UM DREAD. E não durou nem cinco meses.

Eram esses momentos. O dia seguiu com aquele sorriso pairando dentro da cabeça dos dois. Aquela certeza de que, apesar de se conhecerem tanto, ainda havia muito a se descobrir. Continuaram a limpeza do apartamento. Aquele lugar pequeno